

Sobre as Traduções da Obra de Wilhelm Reich para o Português

Sara Q. Matthiesen¹
Universidade Estadual Paulista

RESUMO - O aumento dos textos traduzidos e da investigação acadêmica no campo reichiano realça a necessidade de se estar atento à qualidade das traduções dos textos de Reich para o português. Utilizando a palavra *Trieb* como exemplo, o objetivo deste artigo foi identificar quais os termos utilizados nas traduções dessa palavra para o português. Os resultados demonstraram, a exemplo do que acontece nas traduções da obra freudiana, que os termos mais comuns são: pulsão, instinto e impulso. Tal variação de termos reforça a necessidade de se cotejar diferentes traduções de um mesmo texto, de se confrontar os textos traduzidos com os textos originais e de se ater ao devido uso de termos específicos, contribuindo para que se leia, da melhor forma possível, as ideias originais de Reich em português.

Palavras-chave: Wilhelm Reich; tradução; obra reichiana.

About the Translations of Wilhelm Reich's Work to Portuguese

ABSTRACT - The increase of translated texts and academic research into the reichian field enhances the need to be attentive to the translation quality of Reich's texts to Portuguese. Taking the word *Trieb* as an example, the aim of this article was to identify the terms that were used to translate such word to Portuguese. The results demonstrated, as it occurs in the translations of Freud's work, that the most common terms are: pulsation, instinct and impulse. Such variation of terms reinforces the necessity to analyze different translations of the same article, to compare translated texts with original texts and to bind to the rightful use of specific terms, helping one to read, in the best possible way, Reich's original ideas in Portuguese.

Keywords: Wilhelm Reich; translation; reichian work.

Os problemas de tradução, recorrentes na obra de autores consagrados da Psicologia, têm sido objeto de interesse de pesquisadores da área, a exemplo de Hanns (2003), responsável pela coordenação de uma nova tradução brasileira da obra freudiana que procura, entre outras coisas, “o restauro de redes semântico-conceituais que se perdem nas traduções” (p. 2).

No caso da obra de Wilhem Reich, apesar das constantes críticas informalmente formuladas aos problemas nas traduções, são poucos os que formalizaram os cuidados necessários quando da leitura dos textos reichianos em português. Das poucas referências existentes, vale destacar Albertini (1994) que, ao se referir ao restrito número de traduções para o português em relação ao volume da obra de Reich, menciona, assim como Rego (1995), a má qualidade de algumas delas. Também Matthiesen (2005, 2007) adverte o leitor para as diferenças terminológicas nas traduções para o português de termos presentes em textos de Reich, também analisados por Bedani (2007), alertando-nos para as interpretações errôneas que podem ocorrer a partir de traduções problemáticas.

Se esses são exemplos de estudiosos reichianos preocupados com as consequências de traduções discutíveis para a compreensão do pensamento reichiano no Brasil, a atual

editora WMF Martins Fontes também não se eximiu da responsabilidade de ater-se à qualidade das traduções dos textos de Reich para o português. Nesse trajeto, além de impulsionar a publicação de traduções de livros de Reich nos últimos anos – como foi o caso de “Psicologia de massas do fascismo” (s.d.) “O assassinato de Cristo” (1982), “O éter, Deus e o diabo” (2003), “Biopatia do câncer” (2009a) e “O caráter impulsivo” (2009b) –, publicou, inclusive, edições revisadas de livros tais como a “Análise do caráter” (1995) e “Escute, Zé Ninguém!” (1998) – antes, “Escuta, Zé Ninguém!” (1972).

Matthiesen (2007) destaca que um dos aspectos que contribuiu para a má qualidade de algumas das traduções da obra reichiana para o português foi o fato de alguns textos terem sido traduzidos com base no original em alemão, idioma que reserva particularidades que nem sempre encontram sinônimos na língua portuguesa. Há de se pensar, portanto, se as traduções que ocorreram do original alemão para o português são mais questionáveis do que as que ocorreram do original em inglês. Afinal, após ter vários de seus textos traduzidos para o inglês por colaboradores como Alexander S. Neill, na Inglaterra e Theodore P. Wolfe, nos Estados Unidos da América, Reich passou a escrever nesse idioma, escolhendo, ele próprio, os termos que melhor refletiam suas ideias.

Em vista disso, observa-se, ainda, que a elevação no número de traduções dos textos de Reich para o português e a crescente investigação acadêmica no campo reichiano,

¹ Endereço para correspondência: Avenida 24A, 1515, Bairro Bela Vista, Rio Claro, SP, CEP 13506-900. Fone: (19) 35264348. Fax: (19) 35264321. E-mail: saraqm@rc.unesp.br.

evidenciada pelo aumento das dissertações de mestrado e teses de doutorado nos últimos anos,² realçam a importância de um olhar criterioso sobre a qualidade das traduções dos textos de Reich para o português. Assim, utilizando a palavra *Trieb* como exemplo, o objetivo deste artigo foi identificar, a partir do confronto de diferentes textos de Reich, quais os termos mais frequentes nas traduções para o português. Não à toa – e reforçando o caráter teórico dessa pesquisa –, procedemos com o cotejamento de diferentes traduções, em especial, para o português e de textos escritos originariamente por Reich, a fim de alertarmos os leitores sobre as variações de termos que podem permear a obra reichiana.

Mesmos Termos, Mesmos Erros

Como na obra de Freud, as traduções da obra de Reich enfrentam problemas quanto aos significados atribuídos à palavra alemã *Trieb*, dos quais os mais comuns são: pulsão, instinto e impulso. Não obstante, tal diversificação não nos deixa seguros quanto à utilização de qualquer um desses termos, sobretudo por parte dos diferentes tradutores, reforçando dificuldades comuns às apontadas por Souza (1998) na compreensão do vocabulário freudiano e suas versões.

Considerando ser praticamente inevitável a inserção nessa que é uma antiga discussão do universo freudiano, observamos que *Trieb*, de raiz germânica, conserva, como apontado por Laplanche e Pontalis (1992), “sempre a nuance de impulsão (treiben=impelir)”, além de sublinhar “o caráter irremediável da pressão mais do que a fixidez da meta e do objeto” (p. 394). *Instinkt*, por sua vez, quando utilizado por Freud, por exemplo, “qualifica um comportamento animal fixado por hereditariedade, característico da espécie, pré-formado no seu desenvolvimento e adaptado ao seu objeto” (Laplanche & Pontalis, 1992, p. 394). Apesar da polêmica em relação a outros autores, Laplanche e Pontalis enfatizam que ao se utilizar “instinto” para se traduzir *Trieb*, falseia-se “o uso da noção em Freud” (p. 394), já que:

A escolha do termo instinto como equivalente inglês ou francês de Trieb não só é uma inexactidão de tradução, como ameaça introduzir uma confusão entre a teoria freudiana das pulsões e as concepções psicológicas do instinto animal, e apagar a originalidade da concepção freudiana, particularmente a tese do caráter relativamente indeterminado do impulso motivante e as noções de contingência do objeto e da variabilidade das metas. (p. 242)

Confrontadas as edições inglesa e francesa das obras de Freud, identificou-se que a edição inglesa utiliza, para traduzir *Trieb*, a palavra *Instinct*, enquanto que a edição francesa utiliza *Pulsion* (Souza, 1998). Dada a polêmica existente em relação à utilização desses termos, o editor inglês James

Strachey³ defende sua opção de traduzir *Trieb* por *Instinct*, baseando-se no argumento de que a palavra *drive* não é a mais correta, por um motivo básico: na língua inglesa não é utilizada nesse sentido. Basta verificar que não é encontrada nem no grande dicionário Oxford, nem nos compêndios de Psicologia em língua inglesa. Referindo-se aos críticos que apontam ser a tradução de *Trieb* por *drive* a melhor alternativa, Strachey (1970) argumenta que, talvez, “a maioria deles, na realidade, esteja influenciada por uma familiaridade inata ou precoce com o idioma alemão” (p. 34). De qualquer forma, enfatiza ele:

Não é da competência do tradutor tentar classificar e fazer distinção entre os diferentes usos que Freud fazia da palavra. Essa tarefa seguramente pode ser delegada ao leitor; desde que a mesma palavra inglesa seja invariavelmente usada para o original alemão. (Strachey, 1970, p. 34)

Deixando clara sua posição, Strachey (1970) prossegue: “Parece-me que a única coisa racional a fazer em tal caso é escolher uma palavra obviamente vaga e indeterminada e ater-se a ela. Daí minha escolha de *instinct*” (p. 34). Entretanto, adverte Strachey, o próprio Freud teria, “numa meia dúzia de casos”, utilizado a palavra alemã *instinkt* “no sentido de instinto nos animais” (p. 35), ainda que sempre tenha chamado a atenção para esse fato em notas de rodapé.

Souza (1998), por sua vez, discorda dessa posição, afirmando ser “tarefa do tradutor” reproduzir “não o mesmo significado, mas a mesma designação e o mesmo sentido com os meios (isto é, com os significados, propriamente) de uma outra língua” (p. 258). Assim, o mesmo autor assinala que ao invés de questionar: “Como se traduz este significado desta língua?”, o tradutor deveria preocupar-se em questionar “Como se denomina a mesma coisa em outra língua, na mesma situação?” (p. 258).

Apesar das observações de Strachey (1970), não é difícil observar nos textos de Reich traduzidos para o português a partir do inglês, a presença marcante da palavra *drive*, a qual, muitas vezes, é traduzida como “pulsão”. Assim, quando traduzidos para o português, termos como *drive denial* e *drive gratification*,⁴ presentes, por exemplo, em Reich (1925/1975a, p. 278), aparecem como “frustração da pulsão” e “satisfação da pulsão” (Reich 1925/2009c, p. 49), ainda que no vocabulário reichiano comumente utilizado no Brasil, a exemplo de Albertini (1994), Rego (2005) e Matthiesen (2005), o mais comum seja a utilização de “frustração pulsional”. Bedani (2007), entretanto, defende que “impulso” é o termo mais adequado para se traduzir *Trieb* na obra reichiana, já que esse é “mais sintonizado com a perspectiva científico-natural que o autor desejou imprimir às suas pesquisas, desde o início da década de 1920” (p. 116-117). Apesar disso, reconhece que, em função da consagração do termo “pulsão” para se traduzir *Trieb* nos textos de Freud, esse deveria ser mantido nas traduções dos textos

2 Atualizando os dados presentes em Matthiesen (2007), vale observar que, entre 1979 e 2008, foram encontradas 60 dissertações de mestrado e 21 teses de doutorado, todas voltadas, ainda que com níveis de aprofundamento distintos, à investigação do pensamento reichiano.

3 Responsável pela tradução, comentários e notas da tradução do original alemão para o inglês das *Obras Completas de Sigmund Freud*, base para a tradução do inglês para o português, da Imago Editora.

4 Em alemão, os termos encontrados foram *Triebversagung* e *Triebbefriedigung*, respectivamente (ver Reich, 1925/1997).

de Reich, a fim de se evitar “complicações terminológicas e conceituais” (p. 117). No segundo caso, o mais usual para a tradução de *drive gratification* tem sido “satisfação pulsional” ou “satisfação da pulsão”, a exemplo do que faz a tradutora de “O caráter impulsivo” de Reich (1925/2009b). Vale observar que essa tradução para o português ocorreu a partir do texto em inglês *The impulsive character* (Reich, 1925/1975a) que, por sua vez, é uma tradução do original escrito por Reich em alemão *Der triebhafte Charakter*, publicado em 1925, pela *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, em Viena.

Além disso, cabe destacarmos que o original alemão, ao ser traduzido para o inglês como *The impulsive character*, respeitou o sentido do vocábulo alemão *Trieb*, que significa, entre outras coisas, “impulso, ímpeto, propulsão”, também observado por Bedani (2007). Isso nos alerta para a indicação de Souza (1998), que diz: “O fato é que *Trieb* cobre os sentidos — ou partes dos sentidos — de ‘instinto’, ‘impulso’ e ‘ímpeto’ (e, por isso, uma sugestão sensata seria talvez utilizar uma das três palavras, segundo o contexto, incluindo o original entre colchetes)” (p. 255). Essa, sem sombra de dúvida, é uma medida acertada quando da utilização de todo e qualquer conceito escrito originariamente por Reich em alemão. Aliás, é isso que procuram fazer alguns estudiosos de Reich no Brasil, a exemplo de Matthiesen (2005), que alerta os interessados para os cuidados necessários na leitura de textos traduzidos para o português; de Bedani (2007), ao inserir aspas na palavra “pulsão”, exceto em citações textuais de outros autores; e Rego (1995), ao observar que na revisão técnica da tradução para o português de “Análise do caráter” (Reich, 1933/1995), optou-se por acrescentar, sempre que aparecesse a palavra *Trieb*, “a palavra alemã correspondente entre parênteses e em itálico” (p. 43).

Ainda que a ampla difusão do “Vocabulário da Psicanálise”, de Laplanche e Pontalis (1992), tenha contribuído para a utilização de “pulsão” para traduzir *Trieb*, inclusive por outras línguas neolatinas, segundo autores como Souza (1998), essa tradução não corresponde, com exatidão, àquilo que alguns textos, como os de Freud, intencionavam. Talvez, “o conceito de instinto vigente já na época de Freud não fosse tão limitado como crêem Laplanche e Pontalis”, enfatiza Souza (1998, p. 247). Embora reconheça que tal aspecto mereça maiores investigações, continua ele:

A discussão precedente talvez leve à conclusão de que proponho sem reservas o recurso a ‘instinto’ para verter Trieb. Na verdade, há algumas reservas a fazer. Tanto no caso de ‘instinto’ como no de ‘pulsão’ existem ganhos e perdas. Apenas afirmo que neste as perdas são maiores que os ganhos, e naquele os ganhos ainda superam as perdas. (Souza, 1998, p. 254)

Se isso tem sido exaustivamente debatido em relação às traduções dos textos de Freud, no caso das traduções dos textos de Reich, um exame minucioso dos originais poderia clarear essa questão. Entretanto, considerando ser nosso objetivo apenas alertar os leitores reichianos para a necessidade de estarem atentos à qualidade das traduções, nos resta registrar mais alguns exemplos que evidenciam a variação de termos presentes nas traduções dos textos de Reich para o português.

Na tradução de *Eltern als Erzieher*⁵ para o português, que ocorreu com base na versão espanhola do original em alemão, são comuns os termos: “inibições dos instintos”, “manifestações instintivas”, “restrições dos instintos”, “impulso instintivo”, “instintos da criança”, “instintos” (Reich, 1926/1975b, p. 58-60; ver também Reich, 1975a; Reich, s.d.),⁶ os quais realçam a opção do tradutor por “instinto” e seus derivados. Já na tradução do alemão para o inglês (ver Reich, 1926/1994), observa-se que os referidos termos foram traduzidos como: *drive inhibitions*, *drive manifestations*, *drive restrictions*; *primitive impulse*, *child’s demands*, *instincts*, respectivamente. Isso, certamente, revela a necessidade de confronto com o original alemão, de 1926, a fim de se constatar quais os termos que, de fato, foram utilizados por Reich.⁷ Entretanto, na recente tradução do inglês para o português, de Reich (1927/2009), a opção dos tradutores por “impulso” para traduzir *instincts*, *thrust* e *urge*, de acordo com o seu emprego pelo tradutor desse texto do alemão para o inglês (consultar Reich, 1927/1994), reforça a sugestão dada por Bedani (2007) quanto à utilização do referido termo.

Outro exemplo, é o do livro de Reich (1933/1979) “Análise do caráter”, cujos problemas de tradução do original alemão para o português foram tantos que, em 1995, a atual editora WMF Martins Fontes lançou uma nova edição com revisão técnica especializada de Ricardo Amaral Rego, a partir do inglês.⁸ Todavia, dado que a maior parte da tradução desse livro para o português ocorreu a partir do original alemão *Charakteranalyse*, cabe tecer algumas considerações, sobretudo se lembrarmos as restrições de Souza (1998) quanto à utilização da palavra “pulsão” para traduzir *Trieb*. De acordo com Rego (1995), *Trieb* foi traduzido por “pulsão”, tendo em vista que *Antrieb* seria “impulso” e *Instinkt* seria “instinto”, obedecendo-se essa orientação para a tradução em português. Todavia, em inglês a palavra *Trieb* foi traduzida como “*instinct*, *drive*, *impulse* e, às vezes, até por *libido*”, observa Rego (1995, p. 42) ao justificar sua opção por “pulsão”, atendendo às orientações de Laplanche & Pontalis (1992). Aos mais desavisados vale o alerta de que a leitura do livro “Análise do caráter” (1933/1995), que é um dos mais importantes livros de Reich, deve ocorrer sempre a partir da 2ª edição, de 1995.

5 Publicado originalmente como: Reich, W. (1926). *Eltern als Erzieher – Teil I: Der Erziehungszwang und seine Ursachen*. *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 1, 65-74. A tradução para o português ocorreu sobre a versão espanhola inserida em: Reich, W., & Schmidt, V. (1973). *Psicoanálisis y educación*, Vol. 2. Barcelona: Anagrama.

6 Também é interessante observar as diferenças terminológicas existentes nas diferentes traduções desse texto, em particular do subtítulo *Der Erziehungszwang und seine Ursachen*, traduzido ora por “a compulsão a educar e suas causas” (ver Reich, 1925/1975b), ora por “a coacção a educar e as suas causas” (1926/s.d.), cujos significados das palavras por nós destacadas expressam, em português, sentidos bastante diferentes, capazes, portanto, de comprometerem a ideia original do autor.

7 A dificuldade na localização desse original, em particular, reforça uma das dificuldades que permeiam a investigação no universo reichiano que, diferentemente do freudiano, não oferece um acesso imediato a exemplo do proporcionado pela consulta às “Obras completas de Sigmund Freud”, traduzida, inclusive, para o português.

8 Rego (1995) ressalta que o fato da revisão técnica ter ocorrido a partir do inglês, não a comprometeu, já que parte do livro foi escrito originariamente, por Reich, nesse idioma.

Se esses são alguns exemplos das diferenças terminológicas nas traduções da obra de Reich para o português, outros vários poderão ser apontados por aqueles que se dedicam ao estudo da obra reichiana. Isso, certamente, contribuirá para uma melhor compreensão do pensamento desse autor que tanto nos ajuda a refletir sobre questões contemporâneas nos mais diferentes campos do conhecimento.

Considerações Finais

Evidenciar as diferenças terminológicas nas traduções da obra de Reich para o português parece mesmo ser um desafio para os estudiosos da área, sobretudo quando se tem em mãos os textos originais que propiciam confrontar “a forma com que Reich realmente disse isso ou aquilo” e “a forma com que o tradutor faz com que Reich diga isso ou aquilo” (Matthiesen, 2007, p. 32).

Apesar da palavra “pulsão” não ser de uso coloquial em português, como o seria “instinto” ou “impulso”, consideramos que a opção pela tradução de *Trieb* por “pulsão” atende às necessidades dos textos de Reich que foram aqui mencionados, basicamente por dois motivos. Primeiro porque “pulsão” é mais compatível com o jargão psicanalítico atual, como bem apontaram Rego (1995) e Hanns (1996), além de ser consagrada “para o bem ou para o mal”, como fez questão de registrar Bedani (2007, p. 117), inclusive no universo reichiano brasileiro. Segundo, os textos reichianos que se pautam na utilização desse termo estão, muitas vezes, centrados no “período psicanalítico” de Reich (Matthiesen, 2005), quando este fazia uso de termos utilizados também por Freud. Isso, inevitavelmente, se reflete nas traduções dos textos de Reich que fazem uso da terminologia psicanalítica. Entretanto, seria injusto desconsiderar os apontamentos de Bedani (2007) acerca da utilização do termo “impulso” para se traduzir *Trieb*, afinal o sentido de movimento inerente a inúmeros conceitos reichianos fazem dessa possibilidade de tradução algo extremamente adequado, como o demonstram os tradutores de Reich (1927/2009c).

Isso, certamente, confirma nossa certeza de termos apenas iniciado uma discussão que merece ser aprofundada por outros interessados, já que nosso intuito foi evidenciar a necessidade de se estar atento à qualidade das traduções dos textos de Reich para o português. Não por outro motivo, cotejar diferentes edições de um mesmo texto, localizar os originais e ater-se ao devido uso de termos específicos podem, e muito, contribuir para que se leia, da melhor forma possível, suas ideias originais em português.

Para além disso, sugere Souza (1998) àqueles que se dedicam à arte da tradução, é sempre bom: “manter a uniformidade, mas sem descuidar do contexto” (p. 268); “evitar a excessiva literalidade, que pode chegar à servilidade” (p. 268) e “ter cuidado com a excessiva liberdade” (p. 269), o que, também, pode ser útil quando da tradução de textos de Reich para o português. Assim, prezar por traduções de qualidade, sem que haja necessidade de se recorrer às versões em espanhol ou inglês, como sempre foi muito comum por parte dos estudiosos que prezam por uma melhor compreensão do texto reichiano, certamente contribuirá para a difusão de suas ideias, mesmo porque a dificuldade de acesso aos originais, em especial, de seus primeiros textos em alemão, são bem evidentes.

Referências

- Albertini, P. (1994). *Reich: história das idéias e formulações para a educação*. São Paulo: Ágora.
- Bedani, A. (2007). *Energética e epistemologia no nascimento da obra de Wilhelm Reich*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Hanns, L. (1996). *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Hanns, L. (2003). *Uma nova tradução brasileira das obras de Freud. Estados gerais da psicanálise*. Trabalho apresentado no 2º Encontro Mundial, Rio de Janeiro. Retirado em 06/01/2010, de www.estadosgerais.org/mundial_rj/download/3f_Hanns_112141003_port.pdf.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (1992). *Vocabulário da psicanálise* (D. Lagache, & P. Tamen, Trans.). São Paulo: Martins Fontes.
- Matthiesen, S. Q. (2005). *A educação em Wilhelm Reich: da psicanálise à pedagogia econômico-sexual*. São Paulo: Unesp.
- Matthiesen, S. Q. (2007). *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: base para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume/Fapesp.
- Rego, R. A. (1995). Revisando a tradução do “Análise do caráter”. *Revista Reichiana*, 4, 39-48.
- Rego, R. A. (2005). Reich e o paradigma pulsional freudiano. Em P. Albertini, (Org.), *Reich em diálogo com Freud: estudos sobre psicoterapia, educação e cultura* (pp. 59-87). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Reich, W. (1972). *Escuta Zé Ninguém!* (M. F. Bivar, Trad.). Lisboa: Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1948).
- Reich, W. (1975a). The impulsive character. Em W. Reich, *Early writings: Vol. I* (P. Schmitz, Trad.) (pp. 237-332). New York: Farrar, Straus and Giroux. (Trabalho original publicado em 1925)
- Reich, W. (1975b). Os pais como educadores: a compulsão a educar e suas causas. Em Conselho Central dos Jardins-de-Infância Socialistas de Berlim, V. Schmidt & W. Reich (Orgs.), *Elementos para uma pedagogia antiautoritária* (J. C. Dias, A. Sousa, A. Ribeiro & M. C. Torres, Trans.) (pp. 53-58). Porto: Escorpião. (Trabalho original publicado em 1926)
- Reich, W. (1979). *Análise do caráter* (M. L. Branco & M. M. Pecegueiro, Trans.). Lisboa: Dom Quixote. (Trabalho original publicado em 1933)
- Reich, W. (1982). *O assassinato de Cristo* (C. R. L. Viana, A. M. B. Cipolla, & C. K. Moreira, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)
- Reich, W. (1994). Parents as educators (B. R. Placzek, Trad.). *Orgonomic Functionalism*, 5, 45-58. (Trabalho original publicado em 1926)
- Reich, W. (1994). The parental attitude toward infantile masturbation (B. R. Placzek, Trad.). *Orgonomic Functionalism*, 5, 58-66. (Trabalho original publicado em 1927)
- Reich, W. (1997). Der triebhafte Charakter. Em W. Reich, *Frühe Schriften 1920-25* (pp. 246-340). Köln: Kiepenheuer & Witsch. (Trabalho original publicado em 1925)
- Reich, W. (1998). *Escute, Zé Ninguém!* (W. Barcellos, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948)
- Reich, W. (2003). *O Éter, Deus e o Diabo: a superposição cósmica* (M. Hantower, & R. A. Rego, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1949)

Reich, W. (2009a). *A biopatia do câncer*. (M. Hantower, A. Mari, & R. A. Rego, Trans.). São Paulo: WMV Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948)

Reich, W. (2009b). *O caráter impulsivo* (M. Hantower, L. A. Nascimento & R. A. Rego, Trans.). São Paulo: WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1925)

Reich, W. (2009c). A atitude dos pais sobre a masturbação infantil (D. C. Ávila & P. Albertini, Trans.). *Transformações em Psicologia, 1*, 102-111. (Trabalho original publicado em 1927)

Reich, W. (s.d.). *Psicologia de massas do fascismo* (M. G. M. Macedo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)

Reich, W. (s.d.). Os pais como educadores: a coacção a educar e as suas causas. Em W. Reich & V. Schmidt (Orgs.), *Psicanálise e educação* (D. Lagoeiro & J. Vicente, Trans.) (pp. 195-217). Lisboa: Bragança. (Trabalho original publicado em 1926)

Strachey, J. (1990). Notas sobre alguns termos técnicos cuja tradução requer explicação. Em J. Strachey (Ed.), *Obras completas de Sigmund Freud, Vol. I* (pp. 33-34). Rio de Janeiro: Imago.

Souza, P. C. (1998). *As palavras de Freud*. São Paulo: Ática.

Recebido em 03.09.08

Primeira decisão editorial em 05.01.10

Versão final em 10.08.10

Aceito em 30.06.10 ■